

O marcador do discurso *aliás* e suas possibilidades para a língua espanhola

The discourse marker *aliás* and its possibilities to Spanish language

Daniel Mazzaro Vilar de Almeida*

RESUMO: Uma breve análise de textos em que se encontra o marcador do discurso de língua portuguesa *aliás* nos permite concluir que existem pelo menos dois contextos em que é usada esta expressão: como reformulador de retificação e como digressor. A partir dessas observações preliminares, parece-nos, portanto, que se trata de um marcador polifuncional, de acordo com a teoria de Martín Zorraquino e Portolés (1999), segundo a qual o marcador alcança diferentes nuances ou efeitos de sentido segundo o contexto em que ocorre. Neste trabalho, analisam-se as possibilidades de tradução do termo *aliás* para a língua espanhola. Para tanto, propõem-se, em um primeiro momento, dois enunciados extraídos de artigos de opinião de jornais brasileiros e dois *tweets* publicados na rede social *twitter.com*. Tais enunciados foram dados a seis falantes de língua espanhola como língua estrangeira (nível avançado) e/ou falantes nativos de espanhol que falam português como segunda língua para que fizessem sua versão em espanhol. Em dois desses enunciados, o marcador foi usado no contexto de reformulação e, nos outros dois, de digressão. Em um segundo momento, cotejaram-se os dados obtidos a partir das produções dos falantes de espanhol L1 e LE com a definição teórica que descreve o estado da questão. Finalmente, apresentam-se algumas considerações sobre as traduções do marcador *aliás* para a língua espanhola e a dificuldade dessa correlação entre as línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Marcador do discursivo. *Aliás*. Língua espanhola. Tradução.

ABSTRACT: A brief analysis of texts in which the Portuguese discourse marker *aliás* is found allows us to conclude that there are at least two contexts in which this expression is used: as a rectification reformulative and as a digresser. From these preliminary observations, it seems, therefore, that it is a multifunctional marker, according to Martín Zorraquino and Portolés (1999) theory, in which the marker reaches different nuances or meaning effects depending on the context. In this paper, we analyze the possibilities for translation of the term *aliás* to Spanish. Therefore, we propose, at first, two statements of opinion articles extracted from Brazilian newspapers and two *tweets* posted on the social network *twitter.com*. Such statements were given to six speakers of Spanish as a foreign language (advanced level) and / or native Spanish speakers who speak Portuguese as a second language to do their Spanish version. In two of these statements, the marker was used in the context of

* Mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Assistente de Língua Espanhola na Universidade Federal de Alfenas. Email: letrasdaniel@yahoo.com.br

reformulation and the other two, of digression. In a second step, we collated the data obtained from the productions of Spanish speakers in L1 and LE with the theoretical definition that describes the state of the question. Finally, we present some considerations about the translations of the discourse marker *aliás* to Spanish language and the difficulty of this correlation between languages.

KEYWORDS: Discourse marker. *Aliás*. Spanish language. Translation.

Introdução

Durante a pesquisa de mestrado, foi constatado que a expressão de língua portuguesa *seja como for* e a de língua espanhola *sea como fuere* (e sua variante *sea como sea*) funcionam, em alguns contextos, como marcadores discursivos¹ de reformulação, mais especificamente, de distanciamento ou separação (ALMEIDA, 2011). A literatura então consultada previa a existência de expressões que não possuíam muitos estudos, mas que compartilhavam determinadas características morfossintáticas, semânticas e até mesmo pragmáticas com outras já conhecidas, como acontece com *seja como for* e *em todo caso* ou *de todas formas*. Em algumas obras, inclusive, como o capítulo da Gramática Descritiva del Español escrito por Martín Zorraquino e Portolés (1999), encontramos a informação de que certos marcadores alcançavam diferentes nuances ou efeitos de sentido segundo o contexto em que ocorriam, como é o caso do marcador conversacional *bueno* nos seguintes casos:

[1] ENC.: [...] Lo que sea que sea un sistema, ¿no?

INF.: *Bueno*, el sistema es una palabra inventada últimamente, en mi opinión ¿no?

[2] A: Juan no sabe nada de esto...

B: *Bueno*.

A: ...así que más vale que no se lo cuentes.

¹ Entendemos como marcadores discursivos (MD) uma classe de expressões linguísticas que reagrupa, certas conjunções, grupos nominais ou preposicionais, advérbios, locuções adverbiais e algumas estruturas que não figuram nas gramáticas tradicionais e possuem um esvaziamento semântico. Essas expressões linguísticas possuem a função de contribuir para o estabelecimento de uma relação coesiva com, pelo menos, o enunciado que as precede no discurso e pode afetar toda a porção de discurso precedente, ou seja, pode relacionar um enunciado/segmento a todo o texto que vem antes do MD. Ao ligar unidades de diferentes níveis (palavras, proposições, conjuntos de proposições, grandes porções de texto), os MD guiam, de acordo com suas diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam no momento da comunicação. Por outro lado, algumas relações só existem entre diferentes segmentos textuais graças à presença desses elementos conectivos explícitos (AUTOR, 2011).

A esse marcador os pesquisadores deram o nome de polifuncional (MARTÍN ZORRAQUINO e PORTOLÉS, 1999, p. 4163), pois, como se pode observar, em [1] *bueno* funciona como enfoque da alteridade, quer dizer, “serve para reforçar a imagem positiva do falante” que “marca a atenuação de sua própria posição” (*idem*, p. 4176). Já em [2], *bueno* se apresenta como um estruturador da conversação e desempenha uma função metadiscursiva de indicar a recepção da mensagem.

Após uma leitura atenta de textos que apresentavam o advérbio *aliás*, percebemos que parece também tratar-se de um marcador polifuncional, já que as inferências geradas por ele em alguns contextos não pareciam ser as mesmas que em outros contextos. Essa observação resultará uma pesquisa mais detalhada em outro momento. O que propomos especificamente neste trabalho é analisar essa possível polifuncionalidade do marcador *aliás*, ainda que de modo superficial, e suas traduções para a língua espanhola. Para tanto, em um primeiro momento, será necessária a descrição de algumas possíveis funções de *aliás* em língua portuguesa tomando como base os trabalhos de Portolés (1998), o já citado Martín Zorraquino e Portolés (1999), Luscher (1994) e Koch (2004). Em seguida, serão analisadas traduções feitas de fragmentos de textos de língua portuguesa para a língua espanhola nos quais originalmente o marcador *aliás* era usado. Finalmente, algumas considerações gerais serão feitas sobre as possíveis traduções dessa expressão para a língua espanhola.

O marcador *aliás*

Até o momento, parece não haver nenhuma pesquisa feita em língua portuguesa especificamente sobre o marcador *aliás* que tente dar conta de seus usos. No entanto, uma consulta desse verbete no dicionário Houaiss nos mostra que possivelmente se trata de um elemento polifuncional. O advérbio em questão, cujo registro mais antigo na língua portuguesa remonta ao ano de

1584, possui cinco definições: 1) “de outro modo, de outra forma”, 2) “além disso”, 3) “emprega-se em seguida a uma palavra proferida ou escrita por equívoco; ou melhor, digo”; 4) “seja dito de passagem; verdade seja dita; a propósito”, 5) “no entanto, contudo”. Além dessas informações, o dicionário aporta dados sobre a etimologia da palavra, que veio do latim *aliás*, que significa “outra vez, noutra momento; de outro modo”.

A fim de aprofundar no conhecimento desse marcador, recorreremos a alguns estudos que já contemplaram algumas das nuances sobre o *aliás* ou seus referentes em português e em outros idiomas, e que passaremos a discutir brevemente nesta seção.

Jean-Marc Luscher é um dos pesquisadores que apresentam interesse nesse e em outros conectores. Em uma parte de seu texto de 1994, especificamente quando se dedica a analisar a expressão francesa *d’ailleurs*, nota que, em alguns casos, ela acrescenta uma digressão em relação ao enunciado precedente. O exemplo dado por ele, traduzido por nós², está em [3]:

[3] As comemorações não me agradam. Eu respeito, *aliás*, inteiramente aqueles que fazem isso, mas isso não me interessa.

Nesse exemplo, podemos perceber que se abre um tipo de parêntese oral. Segundo Luscher (1994), as instruções dadas pelo *aliás*, nesse caso, são “não conservar as suposições produzidas pelo tratamento em curso” e “recuperar uma suposição contextual”. Essas duas instruções são de primeiro nível, porque, na teoria de Luscher (1994), são necessárias para descrever todos os empregos do *aliás*.

Aplicando essa análise a um texto em língua portuguesa com *aliás*, como em [4]:

[4] “A casa que aluguei era grande, volta e meia chegavam hóspedes, e não se fazia rigorosamente nada. O único esforço

² Para a composição deste texto, foram consultadas as anotações feitas por Gustavo Ximenes Cunha sobre o texto de Luscher para uma das reuniões do Grupo de Estudos sobre a Articulação do Discurso, da UFMG.

intelectual era escolher a que praia iríamos: Piatã, Itapoã ou Arembepe, todas com a água do mar na temperatura certa e sem ondas. A mesa era sempre farta e só se comia comida com dendê e leite de coco; *aliás* esse capítulo começava no café da manhã, com direito a canjica, tapioca, banana da terra cozida, e nem sei mais o quê.” (LEÃO, 2012)

o argumento “A mesa era sempre farta e só se comia comida com dendê e leite de coco” teria suas inferências eliminadas, já que, no segmento com *aliás*, as novas inferências produzidas pelo novo argumento é que são fortes, mesmo sendo um comentário parentético.

A nosso ver, por outro lado, não seriam todas as inferências eliminadas, mas sim algumas, como, por exemplo, a dúvida do que se abrange com a palavra *sempre* em “sempre farta”, da qual se poderia entender que a fartura seria em todas as refeições do dia ou em todos os dias. De qualquer maneira, percebe-se, no segmento introduzido por *aliás*, uma repetição/constância dessa fartura da comida. Essa suposição se conserva no segmento introduzido por *aliás* que, se não continua a descrição das refeições, introduz um comentário parentético que recupera a suposição contextual e, nesse caso, também reforça uma das suposições do argumento anterior quando se diz que essa mesa “sempre farta” começava no café da manhã com diversos pratos típicos da região. Assim, além da recuperação e conservação de algumas suposições produzidas pelo argumento anterior, *aliás*, nesse contexto, acumula outro: o de reavaliar e reforçar a suposição anterior. Esse acúmulo de suposições já era previsto por Luscher (1994), como o exemplo dado por ele em [5]:

[5] Eu não comprarei esse brinquedo hoje, *aliás*, estou sem dinheiro suficiente.

no qual o segmento posterior a *aliás* também reavalia uma suposição anterior e a reforça.

Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4090-4091) também usam o termo digressores e o definem como “estruturadores da informação que introduzem um comentário lateral em relação ao tópico principal do discurso”. Além dessa característica, os digressores apresentam esse comentário como

pertinente e que, de forma geral, se relaciona com algum elemento do primeiro segmento. Dessa forma, no exemplo [4], o segmento introduzido por *aliás* não é propriamente uma descrição da “mesa farta com dendê e leite de coco”, mas continua tratando do assunto da comida e uma enumeração de outros pratos, como havíamos mencionado, o que reforça a suposição da abundância da alimentação baiana.

Por sua vez, Koch (2004) considera que *aliás* introduz, de maneira sub-reptícia, um argumento decisivo, apresentando-o a título de acréscimo, como se fosse desnecessário, justamente para dar o golpe final. Assim, complementando o que se afirmou sob o nome de digressores, o argumento introduzido por *aliás*, embora furtivo, é decisivo para as inferências que se poderiam obter sem esse segmento textual. Dessa forma, em [4], o que se pretende inferir do segmento anterior a *aliás* é a mesma coisa que posterior a ele, isto é, a fartura e a qualidade da comida; no entanto, o segmento posterior ao marcador funciona como um golpe final para construir essa inferência.

Outra função que *aliás* pode exercer é a de retificação, como no exemplo [6]:

[6] “Foi meu verão inesquecível; *aliás*, foram dois, pois no ano seguinte eu voltei.” (LEÃO, 2012)

Nesse caso, extraído do início do mesmo texto do exemplo [4], *aliás* assinala que o segmento de referência, anterior ao segmento que encabeça, não se considera suficientemente adequado, por isso se modifica pelo enunciado reformulado, ou que não é apropriado e, por isso, é substituído por uma nova formulação. Dessa forma, *aliás* funciona como um marcador de reformulação do tipo retificador, como podemos perceber no teste de substituição por *quer dizer*:

[7] Foi meu verão inesquecível; *quer dizer*, foram dois, pois no ano seguinte eu voltei.

Segundo Garcés (2008 e 2009), o processo de reformulação consiste em voltar sobre um conteúdo de um segmento ou de um enunciado anterior ou

sobre o ato de enunciação, para expressá-lo de outra maneira, equivalente ou diferente. Trata-se de um procedimento de reinterpretação discursiva que evidencia a intencionalidade do falante de guiar o interlocutor para que interprete a mensagem da maneira adequada. O subgrupo dos retificadores, como o próprio nome diz, pretende retificar o que foi dito em um segmento anterior, ou, como explica Portolés (1998), substitui um primeiro segmento discursivo que é apresentado como uma formulação incorreta por outra que a corrige ou, pelo menos, a melhora. No exemplo [6], o argumento “foi meu verão inesquecível” pode levar à inferência de que foi apenas uma vez que ocorreu esse verão inesquecível, o que foi corrigido no segmento seguinte introduzido por *aliás* quando a autora afirma que “foram dois” os verões inesquecíveis. Verões passados no mesmo lugar, inclusive, o que justifica e corrobora a retificação.

Em resumo, o marcador *aliás* parece ser polifuncional pois, como acabamos de ver, ele alcança pelo menos duas nuances diferentes ou dois efeitos de sentido segundo o contexto em que ocorre: ou como digressor, como em [4], ou como retificador, como em [6]. Essas observações são, entretanto, generalizadoras e superficiais. São necessários estudos e análises aprofundados para chegar a conclusões mais concretas, o que faremos em outro momento.

Por enquanto, veremos quais marcadores discursivos da língua espanhola a expressão de língua portuguesa *aliás*, em seus diferentes efeitos de sentido, podem servir de correspondentes no momento da tradução.

***Aliás* e suas traduções para a língua espanhola**

Para o propósito de encontrar o(s) possível(eis) correspondente(s) do marcador *aliás* na língua espanhola, pedimos a quatro falantes de espanhol como língua estrangeira (doravante LE) de nível avançado, a maioria professor universitário de língua espanhola, e dois falantes de espanhol como língua materna ou primeira língua (doravante L1) que traduzissem ou fizessem uma

versão em língua espanhola dos seguintes textos e fragmentos de textos. Com esses textos de fontes digitais de fácil acesso, tentamos variar os contextos de uso de *aliás* não apenas quanto à temática, mas também quanto ao impacto desse item na interpretação desses textos.

TEXTO 1

Parece piada, mas não é: o salário nominal de Marcelo Adnet na Globo será inferior aos cerca de R\$ 50 mil que ele recebia mensalmente da MTV, de onde saiu. Seu salário, *aliás*, era considerado o maior já pago a um funcionário da MTV. Mesmo assim, ele optou em trocar a emissora e seguir para a Globo, que o assediava havia pelo menos três anos...

(fragmento do texto "Salário de Adnet na Globo será menor que o da MTV", da coluna de Ricardo Feltrin do dia 01 de abril de 2013)³

TEXTO 2

Foi meu verão inesquecível; *aliás*, foram dois, pois no ano seguinte eu voltei. Há anos aluguei uma casa por telefone, na Pituba. Contratei uma cozinheira baiana e logo descobri que tinha várias assessoras na cozinha: uma para catar siri, outra para descascar camarão, outra para ralar coco, outra para se ocupar dos bolos, biscoitos, sobremesas.

(fragmento do texto "Verão em Salvador", da coluna de Danuza Leão do dia 14 de outubro de 2012)⁴

TEXTO 3

Eu poderia ter nascido parente do Luan e poderia vê-lo de vez em sempre, mas não... nasci em outra família que *aliás* não é normal.

(mensagem de *Twitter*)⁵

³ Texto obtido em <<http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/ricardofeltrin/1255407-salario-de-adnet-na-globo-sera-menor-que-o-da-mtv.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2013.

⁴ Texto obtido em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/danuzaleao/1168953-verao-em-salvador.shtml>> em 03 abr. 2013.

⁵ Mensagem extraída da rede social *Twitter* no dia 4 de abril de 2013.

TEXTO 4

Quer rir um pouco na madrugada?!? Olha aí uma pessoa q tem fobia de altura na montanha russa, *aliás* montanhas russas: [segue o link de um vídeo]
(mensagem de *Twitter*)⁶

Não nos preocupamos com o produto final das versões, apenas observamos a ordem dos segmentos anterior e posterior ao *aliás* e qual palavra ou expressão de língua espanhola foi usada como substituta desse advérbio. Assim, notamos que todos mantiveram a ordem dos segmentos discursivos mas as palavras e expressões que o marcador recebeu como referentes na língua espanhola não foram unânimes, como podemos ver na Tabela 1 (entre parênteses se encontra o número de pessoas que as usou):

Tabela 1: As traduções de *aliás* para a língua espanhola em relação aos textos.

TEXTO 1	TEXTO 2	TEXTO 3	TEXTO 4
por cierto (3)	además (1)	por otro lado (1)	a propósito (1)
dicho sea de paso (1)	en verdad (1)	además (2)	mejor dicho (2)
a propósito (2)	en realidad (1)	por cierto (3)	también (1)
	es decir (2)		digo (1)
	de hecho (1)		de hecho (1)

Ao analisar os textos de língua portuguesa, parece-nos que nos casos 1 e 3 o marcador *aliás* alcança o efeito de sentido de digressão, já em 2 e 4 alcança o de retificador. Assim, aproveitando os dados da Tabela 1, fizemos a seguinte observação (entre parênteses a quantidade de vezes que é usado o marcador):

Tabela 2: As traduções de *aliás* para a língua espanhola em relação aos efeitos de sentido.

ALIÁS COMO DIGRESSOR	ALIÁS COMO RETIFICADOR
por cierto (6), dicho sea de paso (1), por otro lado (1), a propósito (2),	además (1), en verdad (1), en realidad (1), a propósito (1), mejor dicho (2),

⁶ Mensagem extraída da rede social *Twitter* no dia 3 de abril de 2013.

además (2),	también (1), es decir (2), digo (1), de hecho (2)
-------------	---

A partir dessas tabelas podemos fazer algumas considerações. Antes, entretanto, é importante salientar que nos pares de textos 1 e 3, assim como em 2 e 4, o marcador *aliás* possui efeitos de sentidos próximos, mas devemos ter a consciência de que o contexto faz com que seja necessário um marcador que acumule diferentes instruções. Dessa forma, o tradutor pode optar por um ou outro marcador de língua espanhola para traduzir o *aliás*.

Seja como for, podemos observar, tomando como referência as divisões propostas por Martín Zorraquino e Portolés (1999), que tanto nas traduções do texto 1 como nas do texto 3 a maioria dos marcadores de língua espanhola se encontra no grupo dos estruturadores da informação, mais especificamente, dos digressores (como, por exemplo, *por cierto*, *a propósito* e *dicho sea de paso*), enquanto que nos textos 2 e 4 destacam-se os marcadores do subgrupo dos reformuladores retificadores (por exemplo, *mejor dicho* e *digo*) e do grupo dos operadores de reforço argumentativo (por exemplo, *en verdad*, *en realidad* e *de hecho*)⁷.

Em partes, as traduções/versões realizadas vão ao encontro do que observamos na língua portuguesa sobre a polifuncionalidade de *aliás* e as nuances de digressão e retificação. Entretanto, existem expressões usadas para substituir o marcador em estudo que não pertencem a esses grupos, e é importante que vejamos a que grupo pertencem e formular hipóteses para que isso acontecesse.

Primeiramente, no texto 1, todas as opções dadas, inclusive do tradutor automático do Google que citamos na nota 7, pertencem ao grupo dos digressores. Isso pode significar que o argumento introduzido por *aliás*, nesse caso, é muito marcado pela característica de comentário lateral; de fato, o segmento anterior ao marcador levava a uma inferência, dentre outras

⁷ A título de curiosidade, o Google traduz o *aliás* de cada texto da seguinte forma: TEXTO 1: *por cierto*; TEXTO 2: *de hecho*; TEXTO 3: *por cierto*; TEXTO 4: *de hecho / por cierto*. No texto 4, primeiramente apareceu *de hecho*, mas, após a inclusão de uma vírgula, o tradutor apresentou *por cierto* na versão.

possíveis, de que de nada adiantou, financeiramente dizendo, que Marcelo Adnet saísse da MTV e fosse para a Globo (já que seu salário nesta emissora é menor que naquela). Entretanto, o argumento pós-marcaador (que podemos chamar B, se pensarmos na fórmula “A marcaador B”) é pertinente e se relaciona com algum elemento do argumento A, a saber, que dentro da emissora MTV era o maior salário. Assim, analisando ambos os segmentos textuais e as traduções realizadas, podemos considerar esse fragmento como um exemplo prototípico de digressão, e que os marcaadores que correspondem a *aliás* são *por cierto*, *dicho sea de paso* e *a propósito*. A diferença entre essas opções não é muito marcada na bibliografia; Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4090-4093) apenas apontam que *por cierto* é o mais frequente do grupo, inclusive mais que *a propósito*, e que *dicho sea de paso* é o menos frequente, juntamente com *dicho sea* e *entre paréntesis*, formas que não se encontram totalmente gramaticalizadas.

Já no texto 3, encontramos *por otro lado*, que, na classificação que estamos utilizando, é um marcaador ordenador (ou de organização). Segundo Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4086), os marcaadores desse grupo

são estruturadores da informação com duas funções primordiais: em primeiro lugar, indicam o lugar que ocupa um segmento do discurso no conjunto de uma sequência discursiva ordenada por partes; e, em segundo lugar, apresentam o conjunto dessa sequência como um único comentário e cada parte como um subcomentário.

O que talvez justifique a opção de *por otro lado* na tradução é que, no texto 3, trata-se de um único comentário (a família do enunciador) e há dois subcomentários (“não é a mesma do Luan” e “não é normal”). Entretanto, essa não deixa de ser uma possibilidade de tradução para *aliás*. Garcés (2008, p. 45-46) explica que os marcaadores de organização

desempenham seu papel no plano textual, enlaçando as diferentes partes do discurso; seu significado consiste em indicar sucessão, referida ao início, continuação ou fechamento de uma série, e sua função informativa é assinalar que o discurso aparece dividido em partes, que mostram a informação transmitida como comentários de um mesmo ou diferente tópico.

Dessa forma, no caso referido, podemos perceber uma divisão em partes de um discurso com informações transmitidas em forma de comentários (“minha família não é a mesma do Luan” e “minha família não é normal”) de um mesmo tópico: a família.

Garcés (2008, p. 57) observa outros casos parecidos em espanhol com este marcador e assinala que pode acontecer de os segmentos anterior e posterior a *por otro lado* serem coorientados ou antiorientados; essa unidade linguística apenas assinala que é outro aspecto do comentário que é feito no discurso, comentário este referido ao mesmo tópico do qual se está abordando. Assim, trata-se de dois subcomentários a um mesmo tópico e que estão na mesma linha argumentativa.

Para contribuir com essa discussão, Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4088) consideram que os ordenadores *por otro lado*, *por otra parte* e *por lo demás*, em algumas ocasiões, “se empregam em incisos – incluídas entre eles as orações explicativas de relativo – para adicionar uma informação lateral que completa a informação central da sequência”. Para ilustrar, os autores apresentam este exemplo:

[8] “La proximidad a Madrid ha perjudicado, probablemente, el despegue gastronómico de una provincia, que, *por otro lado*, cuenta con materias primas.” (*idem*)

Conclui-se, portanto, que existe uma proximidade do uso de *por otro lado* com os digressores.

Ainda no texto 3, outra palavra usada para traduzir *aliás* foi o conector aditivo *además*. Os conectores possuem a característica de vincular semântica e pragmaticamente um segmento discursivo a outro segmento anterior. Segundo Portolés (1998, p. 139), “o significado do conector proporciona uma série de instruções argumentativas que guia as inferências que serão obtidas do conjunto dos segmentos relacionados”. Isso quer dizer que os conectores possuem significado e é esse significado que direciona a interpretação da relação entre dois argumentos.

Seguindo essa lógica, o conector *además*, que é o aditivo mais frequente da língua espanhola, vincula dois segmentos do discurso com a mesma orientação argumentativa. No caso do texto 3 é possível observar que “nasci em outra família” pode manter a mesma orientação argumentativa que “[minha família] não é normal” para poder inferir, por exemplo, a tristeza de não poder ver Luan com frequência.

No entanto, *además*, pelo menos nas obras consultadas, parece não apresentar a nuance de comentário sub-reptício que *aliás* apresenta. Na verdade, talvez *además* seja um conector “coringa” que poderia receber diversas nuances, mas que nem sempre serão percebidas pelos interlocutores. Pensando os conectores como “sinais de balizamento”, como propõe Montolío (2001, p. 21), o *además* seria um sinal genérico para as adições, diferente, por exemplo, de *encima*, que, além de vincular dois segmentos discursivos com a mesma orientação argumentativa, apresenta o segmento do discurso que o precede como um argumento suficiente para chegar a uma conclusão determinada, e o segmento introduzido pelo conector reforça a argumentação. Embora não seja esse o significado de *además*, poderíamos usá-lo como substituto de *encima*, mas não teríamos as mesmas inferências de argumento suficiente e reforço argumentativo. O mesmo parece acontecer ao usar *además* no lugar de *aliás*.

Passando agora para os textos 2 e 4, percebemos, conforme Tabela 2 acima, que houve uma variedade maior de opções que os textos 1 e 3. No entanto, percebemos que os que foram escolhidos por mais de uma pessoa no momento da tradução foram *mejor dicho* e *es decir*⁸, ambos reformuladores, embora na enumeração proposta por Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4081-4082) *mejor dicho* conste no subgrupo de retificação e *es decir* no explicativo. Enquanto os reformuladores de retificação (ou retificativos) substituem o primeiro segmento, que apresentam como uma formulação incorreta, por outra que a corrige ou, pelo menos, a melhora, os

⁸ O marcador *de hecho* foi usado pela mesma pessoa nos textos 2 e 4 e será discutido mais adiante.

reformuladores explicativos apresentam o segmento discursivo que introduzem como uma reformulação que aclara ou explica o que se quis dizer no segmento anterior que seria pouco compreensível.

No caso do texto 2, no qual *aliás* foi substituído por *es decir*, o segmento “foram dois [verões inesquecíveis], pois no ano seguinte eu voltei”, pelo menos para quem optou por esse marcador, faz uma aclaração ou explicação de “foi meu verão inesquecível”. Mais que isso, Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4124) propõem que este reformulador introduz um segmento que pode comentar o mesmo tópico que o segmento anterior – e ser compreendido como uma paráfrase –, ou pode comentar um tópico diferente – e ser compreendido como uma consequência. Nenhuma dessas duas ideias parecem explicar o uso de *es decir* no texto 2. Nossas hipóteses para que aparecesse na tradução do texto proposto seriam duas: ou a influência do português *quero dizer*, que, como sublinham Santos Filho e Lawall (2006), pode ter função retificadora; ou a bibliografia consultada sobre a língua espanhola não inclui exemplos de *es decir* com essa função retificadora, como apresenta com *mejor dicho*.

Quanto ao uso deste último, Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4127) explicam que se trata do reformulador retificador mais habitual. No mesmo grupo de *mejor dicho* se inclui a forma verbal *digo*, também usada em uma das traduções. O curioso é que nenhum dos dois apareceu como substituto de *aliás* no texto 2, apenas no 4, talvez pela correção de número (não “montanha russa”, mas sim “montanhas russas”) ser mais óbvia neste que naquele texto. Essa quiçá tenha sido também a razão pela qual no texto 2 tenha aparecido *es decir*, no qual a retificação não é direta, e sim por inferência, como analisamos na seção anterior deste texto.⁹

⁹ Fazendo uma digressão e propondo um questionamento: seria um exemplo de *es decir* retificador o seguinte fragmento da notícia do jornal Argentino *La Nación* de 11 de abril de 2013: “Como reemplazo de la maestra muerta se ofrece espontáneamente para el puesto Bachir Lazhar, argelino. Y comenzará a enseñar, *es decir*, a tener dificultades: la enseñanza primaria es mayormente lidiar con dificultades a gran velocidad, y la recompensa por un trabajo arduo y bastante ingrato quizá tarde en aparecer, pero cuando lo hace suele ser tan genuina e intensa que justifica todas las penurias vividas.”? Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1571377-profesor-lazhar>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

Nas considerações sobre os textos 1 e 3, comentamos sobre a hipótese de *además* ser um marcador aditivo “genérico” que poderia receber diversas nuances, mas que nem sempre são percebidas pelos interlocutores. É o que aconteceria no caso do texto 2, em que se adiciona “foram dois [verões inesquecíveis]” ao segmento “foi meu verão inesquecível”. Seguindo a mesma ideia, o uso de *también*, no texto 4, provavelmente se explica da mesma forma, já que, como *además*, vincula dois segmentos com a mesma orientação argumentativa, frequentemente em enumerações, o que parece não corresponder exatamente aos efeitos de sentido de *alás* no contexto da mensagem de *twitter*.

Quanto ao uso de *a propósito* como digressor, já falamos sobre isso no texto 1, mas ele reaparece no texto 4 como opção de *alás*. Notamos uma possibilidade de seu uso nesse caso, já que a informação “montanhas russas” mantém o mesmo tópico do segmento anterior. No entanto, a bibliografia consultada não prevê o uso de *a propósito* como retificador, como o são *mejor dicho* e *digo*, apenas como introdutor de um comentário lateral do segmento anterior. Dessa forma, nossas hipóteses são de que ou a pessoa que usou essa expressão como substituto de *alás* no espanhol não levou em conta o contexto de correção de informação (tanto que foi a única a usar um digressor no par de textos 2 e 4), ou realmente *a propósito* pode ser usado nesses contextos, ou então a intenção textual é alterada com seu uso. Nesse último caso, “montanhas russas” se apresentaria como um comentário lateral de “montanha russa” e, dessa forma, seria possível inferir que saber que o fato de serem mais de uma montanha russa reforça a possibilidade de risada causada pela fobia de altura da pessoa que aparece no vídeo.

O texto 2 também recebeu como substituto de *alás* as expressões *en verdad*, *en realidad* e *de hecho*. A última e a penúltima constam na lista de Martín Zorraquino e Portolés (1999) como operador de reforço argumentativo e a primeira não consta na lista, mas parece ter uso análogo a *en realidad*, como podemos ver no exemplo [9]:

[9] Ese momento en que dices: "Me falta algo" y *en verdad* te das cuenta que no es algo es "Alguien".¹⁰

Os operadores de reforço argumentativo consistem essencialmente em "reforçar como argumento o segmento do discurso no qual se encontram frente a outros possíveis argumentos, sejam esses explícitos ou implícitos" (MARTÍN ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999, p. 4140). Desse modo, ao mesmo tempo em que se reforça o argumento, limitam-se os outros como desencadeantes de possíveis conclusões. Aplicando essa definição ao texto 2, "foram dois [verões inesquecíveis]" é apresentado como segmento que se inclui no discurso como uma "realidade" que se distingue de outro argumento que se mostra como uma "aparência", que, no caso, é o segmento "foi meu verão inesquecível". Um exemplo de *en realidad* com esta ideia seria

[10] Creemos que todos tenemos un monstruo debajo de la cama, pero *en realidad* todos somos el monstruo de debajo de alguna cama.¹¹

no qual "aparentemente" todos temos um monstro debaixo da cama e, na "realidade", os monstros somos nós debaixo de alguma cama. Algo parecido vemos no exemplo [9], do qual poderíamos supor que "aparentemente" falta algo e, na "verdade", falta é alguém.

Assim, podemos perceber uma proximidade entre os operadores de reforço argumentativo e os retificadores, pois ambos lidam com um primeiro argumento não suficiente ou equivocado e um segundo que se apresenta como melhor, "real" ou mais convincente. Talvez por isso *de hecho* também tenha sido escolhido, tanto para o texto 2 quanto para o 4. Como operador de reforço argumentativo, *de hecho* introduz um segmento discursivo como um fato certo e, por conseguinte, com mais força argumentativa que outro argumento que pudesse pensar como discutível ou meramente provável. Algo parecido observamos nas análises de Luscher (1994) quando afirma, para *d'ailleurs*, que existem diferentes instruções que podem ser acumuladas. Assim, uma das

¹⁰ Mensagem de *Twitter* obtida no dia 13 de abril de 2013 diretamente da rede social.

¹¹ Mensagem de *Twitter* obtida no dia 12 de abril de 2013 diretamente da rede social.

instruções não obrigatórias, mas possíveis para *d'ailleurs* é reforçar uma suposição anterior, isto é, apresentar um segmento forte que tem inferências próximas às do segmento anterior.

Considerações finais

Em um primeiro momento deste texto, vimos que o marcador *aliás* pode ter nuances diferentes de acordo com o contexto em que vincula argumentos, o que lhe confere o status de polifuncional, e essas nuances parecem estar próximas ao que a bibliografia descreve como digressão, que introduz um comentário lateral, parentético, fortuito, mas forte e decisivo para as inferências que se poderiam obter sem esse segmento textual; e retificação, que introduz uma reformulação do segmento anterior ao marcador de forma a substituí-lo por estar incorreto, incompleto ou mal estabelecido.

Em seguida, fizemos um teste de tradução de textos e fragmentos de textos do português para o espanhol para observar que expressões entrariam no lugar de *aliás* em contextos de digressão e retificação. Nesse momento, percebemos que o uso de *aliás* como digressor é mais perceptível pelos tradutores, tanto que usaram nos textos 1 e 3, em sua grande maioria, marcadores de língua espanhola que possuem essa nuance. No caso dos contextos de retificação, *aliás* parece ter uma nuance mais que os tradicionais marcadores desse grupo, que seriam *quer dizer*, *digo* e *ou melhor*, o que talvez explique as poucas escolhas de *mejor dicho*, *más bien* e *digo*, os clássicos retificadores da língua espanhola. Essa nuance talvez seja o que Luscher (1994) observou ao analisar o *d'ailleurs* francês, que possui duas instruções de primeiro nível (necessárias), que seriam “não conservar as suposições produzidas pelo tratamento em curso” e “recuperar uma suposição contextual”, além de ter outras instruções facultativas a partir de uma geradora: “reavaliar essa suposição”, que pode ser “reforçar essa suposição”, “erradicar essa suposição” ou “tomar a explicitação como conteúdo de um ato

de fala". Esta última ainda pode incluir outra: "questionar a pertinência desse ato de fala". Assim, com tantas instruções possíveis que vez ou outra apareceriam, de acordo com o contexto em que se emprega, poderiam marcar nuances específicas que gerariam inferências diferentes se comparássemos o uso de *aliás* a outros marcadores discursivos.

Seja como for, ficam aqui algumas contribuições para uma análise comparativa entre línguas de um marcador do discurso que, aliás, merece ser estudado com mais profundidade.

Referências

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. *Seja como for e sea como fuere: marcadores discursivos?* - Uma análise do uso dessas expressões em artigos de opinião brasileiros e argentinos. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2011.

GARCÉS GÓMEZ, María Pilar. *La organización del discurso: marcadores de ordenación y de reformulación*. Madrid: Iberoamericana, 2008.

GARCÉS GÓMEZ, María Pilar. La reformulación discursiva. In.: GARCÉS GÓMEZ, María Pilar (dir.). *La reformulación del discurso en español en comparación con otras lenguas*. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid: Boletín Oficial del Estado, 2009, p. 17-35.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LEÃO, Danuza. *Verão em Salvador*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/danuzaleao/1168953-verao-em-salvador.shtml>>. Acesso em 03 abr. 2013.

LUSCHER, Jean-Marc. Les marques de connexion: des guides pour l'interprétation. In: MOESCHLER, Jacques et al. *Langage et pertinence: référence temporelle, anaphore, connecteurs et métaphore*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994, p. 175-227.

MARTÍN ZORRAQUINO, M^a A. & PORTOLÉS LÁZARO, J. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española. Tomo III*. Madrid, Espasa, 1999, p. 4051-4213.

MONTOLÍO, Estrella. *Conectores de la lengua escrita*. Barcelona: Ariel, 2001.

PORTOLÉS, J. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel, 1998.

SANTOS FILHO, Marco Antonio Filgueiras; LAWALL, Raquel Fellet. Os conectores nos enunciados apositivos. In: *Anais da VIII Semana de Letras da UFOP*, 2006. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/semanadeletras/viii/arquivos/indiceanais.htm>>. Acesso em: 12 abr. 2013.